

Produtividade das investigações dos discursos sobre o trabalho

Décio Rocha

Maria del Carmen F. González Daher

Vera Lucia de Albuquerque Sant'Anna

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Desde 1995, vimos trabalhando, na qualidade de profissionais de uma lingüística do discurso, com as articulações que se estabelecem entre linguagem e trabalho. Referimo-nos aqui a uma tarefa plural que, no âmbito do grupo *Atelier*¹, vem se realizando por intermédio de trocas com outros pesquisadores no Brasil e na França, visando à formação de equipes interinstitucionais e multidisciplinares.

A tradição francesa na área, bem como vários trabalhos que vêm sendo realizados no Brasil, parecem justificar a relevância dos estudos voltados para as práticas de linguagem em situação de trabalho: a palavra que acompanha a execução de uma dada tarefa, a palavra que (re)normatiza o cumprimento da tarefa etc. Neste trabalho, porém, queremos focalizar um outro vetor de pesquisas que vem se caracterizando como especificidade das investigações que se desenvolvem no país, no marco da Análise do discurso em sua vertente de base enunciativa: a investigação dos discursos sobre o trabalho².

Por que escolher a linguagem como entrada para a investigação do trabalho? Qual o projeto do lingüista, numa perspectiva discursiva, em tal contexto de investigações? Seguem resumidamente algumas respostas – sempre parciais – a tal ordem de questões:

- . o declínio do prestígio adquirido pelos *corpora* de arquivo que caracterizaram os primeiros trabalhos em AD;
- . a necessária incursão em práticas interdisciplinares como decorrência da própria redefinição de um objeto de estudo para os profissionais da linguagem: o discurso,

¹ O grupo *Atelier* é atualmente coordenado por Maria Cecília P. de Souza e Silva (PUC-São Paulo) e reúne pesquisadores de diferentes instituições e formações profissionais.

² Citamos, a esse respeito, dois trabalhos na área: *Discursos presidenciais de 1º de maio: a trajetória de uma prática discursiva*, de Maria del Carmen G. Daher (UERJ) e *Mercosul em notícia: uma abordagem discursiva do mundo do trabalho*, de Vera Lucia Sant'Anna (UERJ), teses de doutorado defendidas na PUC-São Paulo em 2000.

entendido como o encontro de uma produção textual e, simultaneamente, produção de uma comunidade que sustenta esses discursos;

. a própria redefinição do que vem a ser o *mundo do trabalho* na academia, passando-se a valorizar, na universidade, as atividades de ordem extensionista: é desejável que a universidade – e, em especial, a universidade pública – ofereça à sociedade um retorno concreto do trabalho que realiza;

. a relevância da construção de um perfil do lingüista como cientista social, distanciando-se da imagem dos “cientistas de gabinete”;

. a diversificação dos campos de atuação da Lingüística Aplicada;

. os tipos de demandas mais recentemente encaminhadas ao lingüista.

Tal conjuntura parece-nos suficiente para uma primeira justificativa do interesse manifestado pelo lingüista no que diz respeito à investigação dos elos que se estabelecem entre linguagem e trabalho. Resta-nos, agora, sustentar, no referido contexto, a opção que fazemos pelas pesquisas que se voltam para os discursos produzidos não em situação de trabalho, mas acerca do trabalho.

Retomamos inicialmente a contribuição de Lacoste (1995) no que diz respeito à tríplice modalidade das relações entre linguagem e trabalho: a linguagem **no** trabalho, a linguagem **como** trabalho e a linguagem **sobre** o trabalho. Trata-se, com efeito, de uma tripartição certamente útil no que concerne à proposição de uma primeira tipologização das práticas languageiras sob a ótica que nos interessa desenvolver no presente artigo, a saber, a de seu modo de atualização no âmbito do trabalho. Desde já antecipamos que, não obstante suas vantagens, tal tripartição não deixará de sofrer críticas igualmente relevantes. Com efeito, trata-se de uma tentativa de explicitar a complexidade do próprio contexto no qual emergem tais práticas languageiras, complexidade que não nos permite traçar fronteiras muito nítidas, por exemplo, entre a linguagem que se produz **no trabalho** e a que se produz **como trabalho**.

No que diz respeito à linguagem sobre o trabalho, remetemo-nos inicialmente às considerações feitas por Nouroudine³, tendo em vista a pertinência do debate introduzido

³ Ver, neste mesmo volume, o artigo intitulado “A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho”.

pelo autor. Com efeito, as práticas languageiras acerca do trabalho nem sempre se caracterizam como um “artifício” metodológico imposto pelo pesquisador que, pretendendo ter acesso ao modo pelo qual uma dada atividade é executada, solicita, no curso de sua intervenção, que o trabalhador fale sobre aquilo que realizou. Ao contrário, não são raras as vezes em que, no momento mesmo de realização de uma dada tarefa, o trabalhador transforma em objeto de discurso exatamente aquilo que está realizando (ou que acaba de realizar, ou ainda que pretende realizar), como ocorre, por exemplo, nos casos em que um determinado *savoir-faire* precisa ser explicitado junto a um outro trabalhador menos experiente, ou ainda quando se faz necessário um relato das atividades realizadas em determinado período de tempo, em atendimento à solicitação de um superior hierárquico.

Se, neste artigo, nossa atenção se volta para as práticas languageiras sobre o trabalho, assumindo desde já as vantagens e fragilidades de tal modelo tripartite oferecido por Lacoste, queremos, em primeiro lugar, explicitar o território que mais diretamente nos interessa no momento. Nesse sentido, não estaremos centrados na análise de práticas languageiras como as referidas anteriormente, nas quais a linguagem sobre o trabalho tem lugar no momento mesmo de realização da atividade ou, em momento subsequente, em resposta a uma dada solicitação. Estaremos, antes, interessados em um certo tipo de práticas languageiras regularmente vistas como desligadas da situação de trabalho, a exemplo do que se verifica quando a mídia focaliza uma questão relativa ao mundo do trabalho.

Justificando a opção que ora fazemos, sustentaremos uma concepção ampliada de “situação de trabalho”, entendendo que esta se configura a partir de toda uma rede de discursos proferidos, os quais se responsabilizam, em última instância, pelo(s) sentido(s) produzido(s). A esse respeito, queremos aqui reenviar o leitor ao artigo de Nouroudine neste mesmo volume, tendo em vista a pertinência das considerações feitas pelo autor acerca da relatividade da noção de “situação de trabalho”, a qual poderá compreender desde os elementos mais diretamente ligados à execução de uma dada atividade (ferramentas utilizadas, pessoal envolvido, tempo disponível etc.) até os mais distanciados da mesma (contexto histórico, social mais amplo). Tal relatividade da noção de “situação de trabalho” parece-nos bastante produtiva, em especial quando se assume uma perspectiva discursiva

como a nossa, a qual pretende conferir lugar de destaque ao princípio da interdiscursividade.

A argumentação que aqui desenvolvemos toma por base a própria diversidade de articulações interdisciplinares das pesquisas na área. A esse respeito, entendemos que as pesquisas que têm se voltado para a análise das práticas de linguagem em situação de trabalho possuem uma afinidade muito forte, no plano da interdisciplinaridade, com a abordagem possibilitada pelos estudos em sociologia, ergonomia, psicologia do trabalho etc.⁴, ao passo que a investigação das práticas de linguagem sobre o trabalho manifesta claramente, a nosso ver, um deslocamento em direção à ciência da história, da economia, entre outras ciências sociais. É precisamente por intermédio da referida proximidade com as ciências sociais que pretendemos aqui ratificar o interesse dos estudos lingüísticos que tomam por objeto a diversidade de discursos que são produzidos sobre o trabalho.

Em primeiro lugar, trata-se, com efeito, de estudos que possibilitam o resgate de uma certa historicidade do homem no trabalho. Afinal, de que modo poderíamos ter acesso a esse passado mais ou menos remoto do homem no trabalho, senão por intermédio daquilo que dele ficou registrado? Inaugura-se, por intermédio da produção desses discursos, a possibilidade mesma de recuperação / construção de uma memória discursiva, a qual, enquanto prática discursiva, compreende um certo conjunto de textos produzidos e, simultaneamente, a concretização de uma comunidade discursiva, pólos que, segundo Maingueneau (1989) se interlegitimam. É desse modo que compreendemos os resultados possibilitados pela pesquisa de Daher (2000) acerca de uma certa categoria de discursos produzidos a partir de 1938, a saber, os discursos presidenciais comemorativos do dia 1º de maio: estratégia política de apropriação dos discursos reivindicativos proferidos por trabalhadores desde o final do século XIX, os discursos presidenciais de 1º de maio possibilitam a entrada em cena de um novo ator social (a voz governamental) que, assumindo o lugar discursivo de enunciador, designará ao trabalhador o lugar de co-enunciador. A partir de então, configura-se uma outra situação sócio-histórico-discursiva, na qual se invertem os pólos de interlocução: não é mais o trabalhador que, sustentando um *ethos* de maior ou menor oposição em relação ao governo,

toma a palavra para lhe dirigir suas reivindicações; agora, é a voz governamental que, esforçando-se por construir um *ethos* de proximidade em relação aos trabalhadores, fala a esses mesmos trabalhadores sobre o trabalho que estes realizam.

Além da possibilidade de resgate da historicidade do homem no trabalho, apresentamos, a seguir, um outro argumento favorável à investigação desses discursos: a construção de um certo “quadro nocional” cujo modo de existência é fundamentalmente discursivo. Com efeito, de que outro modo poderíamos ter acesso à produção de determinadas categorias como as de *trabalhador* ou *operário* – categorias genéricas que, por definição, jamais poderão ser encontradas numa situação de trabalho específica – a não ser em sua realidade discursiva? Citamos um exemplo, recorrendo ainda uma vez à pesquisa desenvolvida por Daher (2000), que nos possibilita o acesso a uma certa fração daquilo que historicamente se constituiu como sendo a imagem do trabalhador operário brasileiro:

Operários do Brasil:

[...] Nenhum governo, nos dias presentes, pode desempenhar a sua função sem satisfazer às justas aspirações das massas trabalhadoras. Podeis interrogar talvez: quaes são as aspirações das massas obreiras, quaes os seus interesses? E eu vos responderei: a ordem e o trabalho!

(G. Vargas, 1938)

Como se percebe, assumindo o lugar de porta-voz das “massas obreiras” do país, o enunciador se faz intérprete de suas aspirações, fazendo ecoar em unísono a voz desse trabalhador, cuja existência não pode ser buscada no mundo das evidências empíricas, mas apenas no discurso homogeneizador por ele sustentado. É ainda o que se percebe no fragmento que transcrevemos a seguir:

Nas horas de glória e de triunfo, assim como nas de sofrimento e de perseguições, os trabalhadores sempre foram fiéis, desinteressados e valorosos. E posso repetir hoje, de coração, o que mais uma vez proclamei: os trabalhadores nunca me decepcionaram.

(G. Vargas, 1951)

O que deve ficar claro a partir do exposto é que não se pretende, com certeza, afirmar que tais discursos presidenciais condensam a multiplicidade de sentidos possíveis para a

⁴ Este é o ponto de vista sustentado por Boutet (1997:4).

referida categoria de trabalhador no Brasil. Trata-se, sem dúvida, tão-somente de uma pequena fração dos discursos que, em diferentes momentos e a partir de diferentes óticas institucionais, contribuíram para tal fim. Contudo, é preciso reconhecer que a investigação de uma situação de trabalho particular jamais permitiria apreender a dimensão generalizante de uma categoria como a referida; o que a investigação de uma situação de trabalho particular poderia possibilitar é, no máximo, a apreensão do modo pelo qual tal categoria se atualizaria no aqui e agora das relações travadas entre os integrantes de um dado conjunto de atores sociais.

Acrescentemos desde já que vários são os caminhos que permitirão recuperar essa historicidade. Em função do gênero do discurso, do suporte midiático, dos coenunciadores instituídos, dos objetivos pragmáticos etc., cada texto apontará de um modo particular para tal construção. À guisa de exemplo, os discursos presidenciais sobre o 1º de maio permitem a captação de um certo modo de interação entre duas categorias de atores sociais (trabalhador e governo), sendo atualizadas diferentes subcategorias: o governo que é amigo do trabalhador, o governo que se apresenta como o mais sacrificado dos trabalhadores, os trabalhadores que lutam pelo engrandecimento do país, os “inimigos do bem”, para citar apenas algumas das imagens recuperadas por Daher (2000).

Sou um dos vossos, sou um trabalhador como vós o sois. Sou um trabalhador, desde a infância até o dia de hoje, pois a Presidência da República é para mim o que é para vós a oficina, a fábrica, o lugar enfim onde ganhais o pão de cada dia com o suor do vosso rosto. Não considero de maneira diferente o posto que ocupo agora, senão como um posto de trabalho duro, incessante, inclemente. Vós tendes as vossas horas certas para o descanso. E se lutais contra dificuldades de transporte, contra o preço das coisas que sobe todos os dias, tendes outra paz de espírito, que eu não conheço, enfrentando sabotadores de toda a espécie, que para fazer-me o mal, não recuam em fazer mal ao nosso país, em dividir pelo ódio a família brasileira, em dificultar os passos da administração, em reduzir o rendimento das atividades da Pátria de todos nós.

Vossa vida é dura, mas podeis conciliar o sono tranquilamente. Quanto a mim, não conheço horas para descanso e nenhum operário começa a luta pela vida em hora mais matinal do que eu, nem se recolhe mais tarde, nem mais dificilmente consegue adormecer.

(J. Kubitschek, 1956)

Outra é a situação se percorremos a mídia cotidiana de informação, como bem nos demonstra a pesquisa de Sant'Anna (2000): a partir de um *corpus* que reúne notícias de *El Clarín* e *Folha de São Paulo* versando sobre as relações econômicas entre Argentina e Brasil no marco do Mercosul, constata-se um sistemático apagamento da voz do trabalhador (paradoxalmente, ator social diretamente afetado pelas decisões tomadas no referido contexto), sendo o espaço discursivo ocupado pela voz governamental (ministros, presidente da república), pela voz dos empresários ou ainda pelos discursos sobre a legislação que baliza as trocas econômicas entre os dois países. Como exemplo, podemos citar duas situações recorrentes: uma autoridade governamental dá explicações acerca do funcionamento do Mercosul, sem fazer qualquer referência ao mundo do trabalho; um empresário refere-se aos trabalhadores, ou ao trabalho, sem que o mesmo espaço de locução seja oferecido aos citados.

Quanto à primeira situação, apontamos como uma das ocorrências as explicações oficiais, emitidas pelo secretário de Indústria da Argentina, nas quais se apresenta o conteúdo do regime automotivo a ser implementado pelo Brasil e Argentina. O regime define muitos detalhes sobre regras comerciais, incentivos, critérios específicos para o Mercosul e, até mesmo, regras ecológicas - em geral, abandonadas a pequenas observações. Mas, e o trabalho? De que modo, mesmo no nível da gestão, esse regime implica os trabalhadores? Assim como não há referências por parte do secretário a respeito de tais temas, não há, por parte do jornalista, no papel de entrevistador, nenhuma entrada que interrogue tal apagamento, pois assim finaliza a entrevista:

- Como se evitará que automotrizas comprometidas com a Argentina desviem investimentos para o Brasil?
- A partir de janeiro de 2000, haverá um regime automotor comum para o Mercosul. E este regime definirá as regras do livre comércio interno, os incentivos admissíveis para os investimentos, as regulações ecológicas, o conteúdo do Mercosul para esta indústria e os critérios da política comercial externa comum ao bloco. Este vai ser um setor com regras de funcionamento claras.⁵

⁵ *Clarín*, 02/03/97, p. 26. Tradução livre dos autores.

Quanto à segunda ocorrência, citamos o fragmento do relato atribuído ao porta-voz de uma grande empresa em Córdoba, no qual identificamos referências a conflitos com trabalhadores, sem que estes sejam trazidos a comentar o sucedido:

Eduardo Bischoff, porta voz da Fiat em Córdoba, sustentou que a reação sindical contra a recente dispensa -"com causa"- de 42 operários, "foi a gota que transbordou o copo". O pessoal respondeu às demissões com a ocupação da fábrica.

A combatividade dos operários do grupo Fiat já tinha sido exteriorizada em setembro, quando da absorção de 1.700 operários da Cormec pela Fiat Auto também ocorreu a ocupação da planta. O protesto se lançou contra a diminuição de salários e a flexibilização das condições de trabalho que pressupunha a absorção.

"Rompeu-se uma longa tradição cordobesa de trabalho e disciplina industrial", disse em tom grave Bischoff.

Os sindicalistas consultados se isentaram de responsabilidades.⁶

Como se percebe, se as pesquisas voltadas para os discursos sobre o trabalho distanciam-se de uma realidade pontual do homem em situação de trabalho, elas se aproximam, em contrapartida, das múltiplas linhas de força que remetem às instituições atravessadas nesse ator social – linhas de força que, em última instância, são responsáveis pela produção de subjetividades. A esse respeito, não há como negar o lugar privilegiado que ocupam os discursos da mídia na atualidade: fonte segura de uma multiplicidade de cenografias (compreendendo um certo modo de articulação entre coenunciadores, uma certa atualização de ethos etc.) que remetem às alianças e aos embates em negociação, os discursos sobre o trabalho desempenham um papel de grande relevância no que diz respeito aos processos de identificação:

“É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade autêntica, naturalmente constituída (...).

Acima de tudo, ... as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela.”

Hall 2000:109-110

À guisa de conclusão, ressaltamos que o que está em jogo é a abertura de um campo de investigações ainda não de todo familiar ao lingüista, mas já bastante promissor, no qual ele deverá colocar à prova a produtividade de seu saber, ou seja, aquilo que, segundo Boutet (1997), constitui a singularidade de sua abordagem: a materialidade das enunciações.

Referências bibliográficas:

- BOUTET, J. *Construire le sens*. Berna: Peter Lang, 1997.
- DAHER, M. del C. G. *Discursos presidenciais de 1º de maio: a trajetória de uma prática discursiva*. Tese de doutorado, PUC-São Paulo, 2000.
- HALL, S. “Quem precisa da identidade?”. In: SILVA, T. T. (Org.) *Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LACOSTE, M. “Paroles, activité, situation”. In: BOUTET, J. *Paroles au travail*. Paris: L’Harmattan, 1995.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989.
- . *Análise de textos de comunicação* (trad. de *Analyser les textes de communication*. Paris: Dunod, 1998). São Paulo: Cortez, 2001.
- ROCHA, D. “Le questionnaire et les discours de l’entreprise: dialogue ou monologue”. In: RICHARD-ZAPPELLA, J. (org.) *Espaces de travail, espaces de parole*. Rouen, 1999.
- SANT’ANNA, V.L. de A. *Mercosul em notícia: uma abordagem discursiva do mundo do trabalho*. Tese de doutorado, PUC-São Paulo, 2000.
- SOUZA E SILVA, M.C.P. “Estudos enunciativos: atividades de linguagem em situação de trabalho” In: BRAIT, B. (org.) *Discurso e Enunciação - Estudos Enunciativos no Brasil - histórias e perspectiva*. Campinas, Pontes, (no prelo).

⁶ Clarín, 23/02/97, p. 30. Tradução livre dos autores.

